



Festa, Religiosidade e a Cidade: O Círio de Nazaré em Belém

José Maria da Silva
Universidade Federal do Amapá
jmsilva@unifap.br

Introdução

Neste artigo desenvolvo uma análise antropológica da festa do Círio de Nazaré, realizada todos os anos, no segundo domingo de outubro na cidade de Belém, estado do Pará. Enquanto “fato social total” (Mauss, 1974), o Círio de Nazaré constitui-se de uma série de eventos, múltiplas formas de relações e atores sociais, assim como articula as mais diferentes esferas da vida social – religião, economia, turismo, arte, política e identidades sociais. Tudo isto tendo como lugar de referência a cidade Belém.

Neste sentido, o trabalho tem por objetivo examinar a cidade como palco de realização do Círio, sendo este enquanto festa religiosa. Neste sentido, pretende-se ainda analisar de que maneira o período festivo proporciona transformações na área urbana da capital paraense, o intercâmbio com outras cidades, os eventos realizados no período e os diferentes mecanismos de identidades acionados, os quais entrosam as diversas esferas que englobam a festa enquanto fenômeno total.

O Círio de Nazaré realizado em louvor a Nossa Senhora de Nazaré é a principal festa religiosa do Pará e possivelmente da região, pois além de ser realizada em diversas cidades, o ciclo de festa na capital paraense, atrai anualmente um significativo público de toda a região. Contudo, é preciso que se diga, o público do Círio não é constituído apenas por devotos da santa situados na região; no período dos festejos, sobretudo no sábado e domingo quando são realizadas as principais procissões, a cidade de Belém recebe uma grande quantidade de pessoas oriunda de diferentes lugares do país e do exterior. Isto porque a procissão do Círio em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, que se realiza no segundo domingo de outubro, tem sido concebida como um importante evento de peregrinação e pagamento de promessas. Ademais, a festa de



Nazaré adquire outros significados para os paraenses, de maneira que parte significativa dos que se deslocam de outros estados e até mesmo do exterior é originária do Pará e dirige-se à capital para render suas homenagens à santa, mas também para reunir a família no contexto da importância que a festa se reveste, definida em nível local como o “natal dos paraenses” (volto ao assunto mais adiante).

A importância da festa de Nazaré no Pará pode ser dimensionada sob diferentes perspectivas, tais como: pela quantidade de público participante que cresce a cada ano, pelas formas de manifestação de fé, pela inserção na economia do estado e, sobretudo, por se apresentar como referência cultural em manifestações artísticas locais como literatura, música, teatro, entre outras. Neste sentido, o Círio tem sido historicamente objeto de estudos em diferentes enfoques, no sentido de compreensão desse evento como devoção de religiosidade e de identidade local e regional (ALVES, 1980; MAUÉS, 1995).

A referência primeira de estudos sobre o Círio de Nazaré é o trabalho de Isidoro Alves, intitulado *O carnaval devoto*, trabalho defendido como dissertação de mestrado em antropologia no Museu Nacional. O trabalho é inspirado nas análises empreendidas por Roberto DaMatta, no final dos anos 1970 e início de 1980, sobre a sociedade brasileira baseadas em eventos como carnaval, procissões, desfiles e festas diversas (ver DAMATTA, 1973 e 1990). Sob bases da teoria do ritual e do estruturalismo, DaMatta não só elaborou diversos estudos em que buscava uma interpretação do Brasil, como orientou trabalhos sobre carnaval e escolas de samba, procissões e festas. Um enfoque fundamental que emerge dessas monografias é a idéia de hierarquia. Para DaMatta, determinados ritos, como por exemplo a comemoração do Dia da Pátria, revelavam aspectos pertinentes à ordem e ao controle social dominantes a sociedade Brasileira.

O mito de fundação do culto a Nazaré

O culto a Nossa Senhora de Nazaré no Pará não é um fato isolado; é resultado do processo colonial implantado por Portugal no Brasil e, em especial, na Amazônia. Nesta região, a igreja católica se fez presente desde os primeiros momentos da colonização, quando religiosos cumpriam o desiderato da domesticação constante dos índios em um



processo civilizador implantado a partir do século XVII. Em *O paiz do Amazonas*, Marilene Corrêa da Silva afirma que a Amazônia foi um espaço de luta entre a igreja e o Estado, mas atesta uma forte presença da igreja como agência cultural do processo histórico de colonização. Diz ela: “Ao seu modo, à sua visão, [a igreja] classificou o espaço físico, os habitantes, as relações existentes, o maravilhoso e o bárbaro. O que lhes era estranho e diverso foi formalizado segundo as suas referências próprias” (SILVA, 2004, p. 115).

No mesmo sentido, Márcio Souza destaca a participação da igreja católica na transformação dos índios em trabalhadores da empresa colonial portuguesa, em um processo que ele denominou de *caboquização* (Souza, 2001).

O culto a Nazaré como manifestação religiosa, no entanto, tem suas origens na Europa cristã. Segundo Penteado (1998), a emergência de um santuário para veneração da imagem e Nossa Senhora de Nazaré, em Portugal, se deve a dois principais fatores: primeiro, o deslocamento da imagem de Maria de Nazaré da Palestina para o Ocidente ibérico, em razão de perseguição aos cristãos; segundo, o achado da imagem da santa pelo cavaleiro D. Fuas Roupinho, no século XII. O milagre do cavaleiro é narrado da seguinte forma:

“Insiste a tradição que num dia de névoa, em 14 de setembro de 1182, o cavaleiro foi atraído por um veado em direção à morte, no alto promontório do Sítio. No momento em que o cavalo chegava ao extremo do rochedo, prestes a lançar-se no abismo, o cavaleiro evocou a Virgem, lembrando a sua imagem, depositada ali próximo, na pequena lapa. Imediatamente o cavalo estancou a marcha e, por um milagre, D. Fuas pode salvar-se do eminente perigo. Em sinal de agradecimento, o cavaleiro doou aquele território à Senhora de Nazaré e mandou ali erguer uma ermida para guardar a sua imagem” (PENTEADO, 1998, p. 23).

Esta narrativa constrói o mito de origem do culto nazareno em Portugal. Da mesma forma, o surgimento da veneração à divindade em terras paraenses também é perpassa por um mito de origem, sempre evocado no período das festas do Círio. A santa (e sua devoção) é representativa da religiosidade europeia, mas o mito de sua revelação no Pará é contextualizado no território e no imaginário regional.



O mito de origem do culto a Nazaré em Belém (designado pelos meios de comunicação e alguns autores como *lenda*) é narrado assim: certo dia, em pleno século XVIII, um caçador – identificado como caboclo – de nome Plácido José de Souza (conhecido mais pelo nome Plácido) morava em uma área da cidade denominada Estrada do Maranhão, onde hoje existe a Basílica de Nazaré. Em um de seus momentos de caçada teria encontrado a imagem de Nossa Senhora de Nazaré, esculpida em madeira. A narrativa é reproduzida assim todos os anos pela imprensa local:

“Conta-se que depois de achar a imagem nas pedras de um córrego, Plácido levou-a até sua cabana. No dia seguinte ela não estava mais lá. Plácido encontrou-a no mesmo lugar, entre as pedras do córrego. Isso aconteceu mais algumas vezes, para o espanto do caboclo. Ele decidiu então construir uma ermida de palha, às margens do córrego para abrigar a imagem. A ermida ficava ao lado de uma cabana usada como pouso para viajantes. Isso ajudou para que a devoção à Virgem de Nazaré se espalhasse pela cidade” (PROVÍNCIA DO PARÁ, 1998, p. 9).

Alguns aspectos devem ser destacados na articulação de uma narrativa mítica de origem ao culto: i) o discurso mítico é local, mas constrói-se em articulação com o mito de origem em Portugal, tendo em vista que evoca a imagem esculpida por São José, bem como o poder milagreiro da imagem, aspecto fundante da expansão do cristianismo no Novo Mundo; ii) Se o milagre do achado e a origem do culto nazareno na Península Ibérica deveu-se a um fidalgo, a origem no Pará atribui-se a um “humilde caçador”, ou seja, recebe coloração local, pois tratar-se-ia de um caboclo – personagem regional de identidade valorizada. Neste sentido, o mito se regionaliza e faz sua inscrição no imaginário local e regional.

Um aspecto a mais destacar: trata-se da sincronia desse discurso mítico de origem com outros mitos de origem e revelação de divindades de tradição católica, os quais são sempre associados a pessoas de origem pobre: camponeses, caçadores, pescadores, entre outros. É um mito que associa o achado a atividades na natureza (pesca, caça etc.) e, no caso brasileiro, o milagre envolve pessoas consideradas “humildes” porque são extratos pobres da população. O mito vincula-se e ao mesmo atualiza uma referência histórica e ideológica do cristianismo que se remete à vida de



Cristos e de santos como figuras que encarnam o sentido da humildade, da bondade e de opção pelos mais pobres.

A estrutura do Círio e os símbolos da festa

i) A estrutura

O Círio de Nazaré na cidade de Belém pode ser visto como o ponto alto de um ciclo religioso no estado composto por uma série de festas de santo, em especial de santos padroeiros. Este ciclo, que também se reproduz em todos os estados da Amazônia, em razão de uma tradição católica que remete aos séculos passados, proporciona a efusão de períodos festivos que duram dias – às vezes uma semana ou mais, a depender da tradição e importância da festa – e uma espécie de intercâmbio ritual entre devotos de diferentes lugares (Alves, 1993).

A festa em louvor a Nossa Senhora de Nazaré tornou-se um evento complexo e grandioso, de importância religiosa e econômica, tornando-se hoje o principal fenômeno turístico do estado do Pará, tendo em vista a quantidade do público que acompanha a procissão do Círio (que ultrapassa dois milhões de pessoas). O universo do público que participa da principal procissão é composto por fiéis da cidade de Belém e de fora. No caso do público que se desloca à cidade, podemos identificar duas origens: os devotos oriundos do interior do estado e os devotos de outros estados, com destaque para aqueles que são originários de outras cidades da região.

A festa de Nossa Senhora de Nazaré é realizada durante quinze dias, começando no segundo domingo do mês de outubro. Contudo, o período ritual é bem mais amplo e pode ser distinto em dois grandes momentos: i) o período de preparação; e ii) o período de realização da festa. Considerando todo o ciclo ritual dos festejos em louvor à santa, deve-se diferenciar a festa como evento total e o Círio – a mais importante procissão do ciclo que se realiza no segundo domingo de outubro.

O ciclo festivo, portanto, constitui-se dos dois momentos citados, sendo que o primeiro – o período de preparação – tem início com uma missa que se realiza no final do mês de agosto. Trata-se de uma cerimônia ritual de demarcação do início da festa de Nossa Senhora de Nazaré. Além de uma missa específica, cujo sermão e outros ritos são



marcadamente para afirmar que o ciclo ritual está começando, um aspecto de destaque também na cerimônia é a presença de objetos representativos da devoção à divindade, especialmente a imagem de Nazaré e a corda – objeto que simboliza o pagamento de promessa durante a procissão. No caso específico da imagem, durante a missa várias réplicas são benzidas, com uma espécie de água preparada para a cerimônia e que recebe o nome de água benta.

Essa cerimônia religiosa denomina-se *missa do mandato* porque as imagens que recebem a benção e os devotos ligados às diversas congregações da igreja local recebem, a partir daquele momento, o “mandato” – o dever ou a responsabilidade – de realização das ladainhas preparatórias para o período maior da festa, quando são realizadas as procissões e outros eventos. Assim, a imagem é multiplicada e enviada para as diversas igrejas e comunidades católicas existentes na cidade e que cumprirão os desígnios da evangelização – a finalidade maior almejada pela igreja. Homens e mulheres que atuam no interior das comunidades religiosas e congregações da igreja local são destacados para o ofício de pregação do catolicismo nas ladainhas realizadas durante o período que antecede o Círio.

A estrutura organizacional da festa é complexa, sobretudo no que diz respeito às pessoas responsáveis por sua realização. Há uma rede hierárquica de funções no comando e realização do evento, fato este suficientemente explorado por autores que estudaram o Círio de Nazaré no estado do Para (Alves, 1980 e Maués, 1995). O comando religioso da festa fica a cargo do arcebispo de Belém e do pároco da Basílica de Nazaré. Entre a estrutura sacerdotal da igreja e a sociedade civil há a Diretoria da Festa, composta predominantemente por homens selecionados a partir de, pelo menos, dois critérios: a) uma história de engajamento na igreja como devoto; e b) pessoas com *status* na sociedade local. São profissionais reconhecidos e bem sucedidos economicamente e empresários de destaques. Um aspecto singular no exercício das funções na Diretoria da Festa é a escolha de pessoas oriundas de famílias consideradas tradicionais ou de destaques na alta sociedade paraense. Neste sentido, o nome da família é um elemento importante e que coloca o comando da festa sob influência das famílias que possuem algum grau de poder econômico e político.



A Diretoria da Festa, por sua vez, compõe-se de três níveis de comando, sendo cada um com funções específicas: em um primeiro nível situam-se presidente (função desempenhada pelo pároco da Basílica de Nazaré), coordenador, secretário e tesoureiro. No segundo nível estão os diretores: diretor de patrimônio, diretor da praça e santuário, diretor de relações públicas e assessoria jurídica. No terceiro nível têm-se as comissões: comissão de culto e pastoral, comissão de procissão e ordem, comissão de divulgação e marketing, comissão da barraca da santa, comissão de decoração e som, comissão de promoções, comissão de arraial e comissão de arrecadação.

ii) Os símbolos da festa

Como fenômeno religioso, a festa em louvor a Nossa Senhora de Nazaré, em Belém, articula um conjunto de símbolos que proporcionam maior adesão dos fiéis à divindade, através de um sistema de comunicação, proporcionando uma experiência religiosa e mística com a divindade na terra. Os principais símbolos da festa são: a imagem da santa, o manto que cobre a imagem, a berlinda e a corda.

A imagem presentifica e dá sentido à divindade entre os fiéis. Ela proporciona com que os mesmos façam uma comunicação entre a vida terrena e Deus, e isto se dá com a multiplicação das imagens e a percepção da onipresença de Nossa Senhora.

Existem três imagens de Nazaré que são utilizadas pela igreja em Belém. Ambas, foram concebidas no processo histórico de desenvolvimento do catolicismo e do culto à divindade na cidade, assim como são distintas pelo status e funções atribuídas a cada uma. A imagem principal é considerada a “verdadeira” e, portanto, “autêntica”, tendo em vista que é concebida no mito de origem. Segundo a narrativa, é a imagem achada pelo caboclo Plácido, portanto, trata-se de uma imagem oficial que fica permanentemente em um nicho próprio na Basílica de Nazaré. Durante o ano, essa imagem fica no interior da igreja, em uma parte alta denominada Gloria. Durante a quinzena da festa, no mês de outubro, realiza-se um rito de descida para que a mesma fique “mais próxima do povo”. Em seu nicho, durante o período, os fiéis depositam seus pedidos que são queimados por ocasião da cerimônia de subida da imagem.



Há ainda duas outras imagens da santa que a igreja e a Diretoria da Festa manipulam: uma imagem antiga que fica localizada em uma capela no Colégio Gentil Bittencourt e uma terceira imagem utilizada nas procissões e que é denominada de “imagem peregrina”. Esta imagem, segundo um pároco da Basílica de Nazaré, teria sido encomendada a um escultor de imagens na Itália em razão de a imagem do colégio Gentil que acompanhava as procissões não tinha identidade com as pessoas da região. Tratava-se, segundo ele, de uma imagem com características da população européia. Assim sendo, foi produzida a atual imagem “peregrina”, cujas feições e cor da pele têm semelhanças com a população regional, bem como o menino Jesus fixado junto à imagem de Nossa Senhora de Nazaré foi elaborado com traços indígenas. Em outras palavras, a igreja procurou adequar a imagem que acompanha as procissões com aspectos de regionalidade, moldurando a santa nos contornos de uma suposta identidade regional.

O manto é uma vestimenta que cobre e adorna a imagem da santa. O mesmo surgiu de promessas e é feito por meio de bordado. A simbolização do manto indica a representação e a presença da divindade onde se apresenta. É feito em tecido de cetim branco adornado com fios dourados e pedras preciosas. Atualmente o manto é confeccionado por encomenda e financiado por pessoas de alto poder econômico e que se mantêm no anonimato.

A berlinda é um carro que serve de nicho para abrigar a imagem da santa durante as procissões. Trata-se de uma armação constituída de madeira e vidro e que serve para carregar a imagem e, certamente, protegê-la do sol e da chuva. A berlinda recebe uma decoração com flores brancas e amarelas que adornam e realçam a imagem da santa.

A corda é uma representação icônica do objeto utilizado durante a procissão pelos fiéis que pagam promessa.

O Círio como ritual, a cidade e as promessas

Após o período de evangelização e, portanto, de preparação para o momento especial em homenagem à santa, no mês de outubro realiza-se efetivamente todo um ciclo ritual. Nesse mês, os festejos se multiplicam em aspectos propriamente religiosos



e outros de natureza profana. No entanto, não pretendo aqui reproduzir a dicotomia sagrado e profano como duas categorias separadas e excludentes como se apresentam na teoria de inspiração durkheimiana sobre religião (Callois, 1988, Douglas, 1976; Durkheim, 1996). Embora se perceba alguns momentos e ritos exclusivamente religiosos e, portanto, da esfera do sagrado, durante os festejos do Círio de Nazaré podemos vislumbrar uma simbiose de elementos sagrados e profanos que permitem a manifestação e percepção fenomenológica da religiosidade para além do caráter exclusivista e dicotômico das duas esferas.

Neste sentido, a festa de Nazaré é resultado de uma articulação empírica das duas esferas, composta pelos seguintes aspectos: um conjunto de procissões, ações de pedidos ou pagamentos de promessas, cultos especializados, momentos e ações de divertimentos com arraial, shows de música, teatro de rua, alimentação específica do período e um comércio de brindes, *souvenirs* e artesanatos, os quais proporcionam dinâmica e complexidade ao período festivo. Por tudo isso, o contexto da festa em louvor a Nossa Senhora de Nazaré é designado pela população local como o “Natal dos Paraenses”. E o que isto significa? Trata-se, na verdade, de um contexto festivo que mobiliza a sociedade local, aciona manifestações de fé de uma “comunidade religiosa”, promove o encontro de famílias e amigos – sobretudo no que se convencionou chamar de “almoço do Círio” –, movimenta a cidade, a qual se transforma no período da festa, e aciona várias formas de divertimento. Podemos, então, afirmar que se trata de uma “festa total”.

O primeiro aspecto a destacar na apreensão do Círio de Nazaré como fenômeno social é a transformação por que passa a cidade, modificando o ambiente da urbe belenense e criando, paulatinamente, um espaço urbano diferente da rotina da cidade e, concomitantemente, uma outra temporalidade – característica dos rituais.

Concebo ritual aqui como um evento não rotineiro, manifestado por atores específicos, em situações e posições especiais, que articula um sistema de comunicação e que de forma especial afeta as pessoas envolvidas (Leach, 1965; Turner, 1974). Além de uma abordagem definida nos contornos dos estudos clássicos da antropologia, a concepção de ritual que defendo aqui é definida como um evento comunicativo nos



limites de uma abordagem da teoria da linguagem. Neste sentido, é preciso entender o ritual na apenas como um sistema de comunicação que nos diz algo sobre os personagens envolvidos e suas ações, mas, é preciso acentuar, que o ritual deve ser visto no contexto de uma pragmática da linguagem (Austin, 1997) no qual os indivíduos não apenas dizem alguma coisa, mas também fazem coisas (Tambiah, 1985; Peirano, 2000).

A festa em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré possui uma grande quantidade de eventos e ritos que marcam cada momento. Ela tem seu início com a apresentação do manto da santa para o ciclo, a inauguração da decoração de rua e iluminação da Basílica de Nazaré. A decoração e a iluminação do entorno da Igreja de Nazaré é parte de um processo de ambientação da cidade que tem início um mês antes.

Do final de agosto, quando se realiza a *missa do mandato*, até a sexta-feira que antecede o Círio, um grupo de fiéis ligado à estrutura de igrejas e paróquias dos diversos bairros de Belém recebe a missão de evangelização em suas comunidades

As igrejas da cidade e cada indivíduo que recebe uma imagem oficializada pela igreja, para o ofício de evangelização, passam a realizar missas e ladainhas destinadas às diferentes comunidades dos bairros. No caso das residências, o processo se dá da seguinte forma: o indivíduo que recebe a imagem começa o ciclo de ladainhas em sua residência e reúne em torno de si uma quantidade de devotos que pode ser uma rua ou uma parte do bairro e todas as noites são realizadas as ladainhas, também conhecidas como novenas. Após a cerimônia, composta de orações e discursos sobre a santa e a importância do período festivo, há uma breve confraternização dos fiéis constituída de lanches oferecidos pelo proprietário da casa e de conversas e entrosamento entre os que participam da ladainha. Ao final, a imagem “dorme” na casa do devoto que a hospeda e no outro dia segue para outra casa.

Como parte desse processo, há o engajamento de instituições públicas, que mobilizam os servidores em ladainhas realizadas diariamente. Tanto os órgãos públicos quanto o comércio se mobiliza em torno da tarefa de louvação à santa, bem como para criação de um clima em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré. Imagens da santa são dispostas na entrada dos órgãos públicos e de lojas, com uma decoração do ambiente. Além das peregrinações e momentos de orações nas instituições, há ainda associações



de servidores e comunidades de bairros que fazem pequenas procissões com a imagem da santa, acompanhadas de fogos que anunciam as celebrações nas ruas. Nesse período, por toda parte se ouve fogos e cânticos em louvor à divindade. Belém vai aos poucos se modificando e se preparando para a grande festa da fé (termo comumente utilizado pela organização da festa, pelos meios de comunicação e nas propagandas de empresas através de cartazes e *out doors*).

Mais próximo ao dia do Círio e das procissões, a cidade vai sendo ambientada com cartazes da festa e decorações nas ruas. Na rua que passa ao lado da igreja e da Praça Santuário, a Diretoria da Festa monta arcos na extensão da rua com decoração comemorativa a cada edição dos festejos. Além disso, esta área recebe uma iluminação especial, sendo que nos últimos anos essa ambientação da cidade é realizada com base em uma temática definida para homenagear a santa a cada ano.

Na sexta-feira que antecede a procissão mais importante – o Círio –, a imagem “peregrina” é deslocada para a cidade de Ananindeua – distante cerca de 20 km de Belém –, de onde parte pela manhã para a cidade de Icoaraci e de lá se realiza a procissão fluvial. No sábado, ao chegar no porto de Belém a imagem é deslocada com acompanhamento dos motoqueiros até o Colégio Gentil. Deste, no sábado à tarde, faz-se a trasladação até a Catedral da Sé, no centro da cidade.

No domingo realiza-se a grande procissão, denominada Círio – nome que em geral identifica a festa. É o momento de maior investimento religioso de fé, seja pela igreja ou pelos devotos. O Círio é uma procissão de longa distância que se concretiza entre ações planejadas e fatos não previstos.

Como ação de planejamento, o Círio é uma manifestação organizada pela estrutura sacerdotal da igreja e pela Diretoria da Festa. Neste sentido, o Círio congrega um conjunto de ações, tais como: decoração dos trechos por onde passa a procissão, montagem de uma estrutura de som nas ruas, organização das barcas que recebem objetos de promessa, aquisição da corda e sua organização durante todo o cortejo, decoração da berlinda, organização de um grupo de seguranças designados como Guarda da Santa, carro de som e banda responsável pelas músicas religiosas cantadas durante a procissão e organização e execução das diversas procissões durante o período.



São aproximadamente 08 (oito) procissões realizadas durante os festejos no mês de outubro.

Além dos eventos que demarcam o engajamento religioso dos fiéis, o Círio de Nazaré mobiliza a cidade em atividades culturais e de lazer, alguns fora do controle da igreja e da organização da festa. O arraial é um *locus* de divertimento do belenense e dos devotos de outros lugares. Há ainda manifestações culturais que, embora não possuem relação estreita com a igreja, se apresentam como práticas culturais associadas à festa do Círio. É o caso do Auto do Círio – teatro de rua que mistura elementos do circo e de outras formas de cultura popular, executando paródias e sátiras dirigidas aos promesseiros do Círio, evidenciando um sentido de carnavalização da festa religiosa (Bakhtin, 1993).

Além da ambientação da cidade, o rito que mais demarca simbolicamente a noção nativa de “natal dos paraenses” é, sem dúvida, o almoço do Círio. Trata-se de um momento de confraternização das famílias após a procissão, e o almoço é constituído de uma alimentação específica concebida como tradicional e indicador de identidade do paraense. A comida é sempre oferta de uma família, a qual expressa uma dádiva (Mauss, 1974), e marcada pela abundância própria dos rituais religiosos. A alimentação é constituída por elementos da “cozinha paraense”, tais como pato no tucupi e maniçoba. Em que pese ser uma alimentação da dieta local, e que pode ser consumida em qualquer dia, o “almoço do Círio” adquire um significado singular por se tratar de uma comensalidade especial e, portanto, constitutivo de um momento ritual. O alimento em si recebe todo um cuidado e possui uma aura em relação ao contexto da festa; ademais, um segundo aspecto é também demarcador do momento – o fato de ser um almoço que reúne uma comunidade, em geral a família e os amigos.

As promessas

O Círio de Nazaré cresce a cada ano em nível de importância por causa do número de devotos que também é cada vez mais numeroso. E o fundamento do crescimento da quantidade de fiéis e da devoção à santa se deve a um tipo de



comunicação estreita com a divindade e o resultado dessa relação que se situa em um rito específico: a promessa.

No período da festa a Basílica de Nazaré e a Praça Santuário, localizada em frente à igreja, se tornam locais de peregrinação religiosa de todo o país e, mais intensamente, do Pará e da região Norte. A maior parte das pessoas se desloca para pagamento de promessa ou para fazer pedidos, sempre em busca de resolução de problemas da vida na terra. Neste caso, busca-se não apenas uma comunicação com a divindade, mas a afirmação de um compromisso, uma espécie de contrato (Fernandes, 1982). De acordo com o discurso da igreja, Nossa Senhora de Nazaré é projetada como intercessora, isto é, mediadora entre o devoto e Deus. Contudo, a efusão de manifestações de crença na santa, sugere que na prática os fiéis projetam nela um poder milagreiro, tendo em vista que resolve os problemas. Assim, as graças alcançadas são devidas ao seu poder como divindade.

Durante o período da festa, observam-se diferentes momentos e tipos de promessas acionadas pelos fiéis, seja para pedir uma graça, seja para agradecer os votos alcançados. Pretendo aqui definir uma tipologia das formas de promessas, a partir das experiências mais comuns que pude apreender, sem, no entanto, esgotar o amplo espectro de devoção dos fiéis.

As promessas são aspectos da devoção aos santos que demarcam a religiosidade popular e que muitas vezes se apresentam não apenas de forma diferenciada do tipo de devoção adotada pela estrutura hierárquica da igreja, mas em contraposição à mesma. A promessa é um instrumento acionado pelo devoto na busca de solução de problemas da vida prática e se concretiza através de um acordo entre o fiel e a divindade. Na incapacidade e limitação de realização de um feito ou solução de um problema, o devoto apela para a intervenção divina, através do milagre. Segundo Brandão (1986: p. 131):

“O milagre popular é amostra de efeitos simples de trocas de fidelidades entre o sujeito e a divindade, com a ajuda ou não de igreja e mediadores humanos ou sobrenaturais. Ele não é a quebra, mas a retomada ‘da ordem natural das coisas’ na vida concreta do fiel, da comunidade ou do mundo, por algum tempo quebrada [...]”



O mote para apelação a uma divindade parte da premissa que o indivíduo passa por uma situação difícil em alguma esfera da vida – econômica, saúde, familiar, moradia, amorosa, entre outras. Ao esgotar um estoque prático e simbólico de recursos disponíveis e que o capacitam a acionar, visando à resolução de um dado problema, o indivíduo apela para a intervenção divina, ou seja, o milagre.

Por ocasião do Círio de Nazaré pode-se identificar uma complexa rede de expressões e significados de promessas. A comunicação marca uma situação individual de comunicação entre o devoto e a divindade. Destarte, os pedidos são normalmente efetivados em situações isoladas que pode ser tanto em um momento de aflição quanto em momentos de orações, seja em casa ou em cultos na igreja. Durante o período da festa em louvor a Nossa Senhora de Nazaré, pude observar diferentes formas e ocasiões de referência à santa com pedidos de milagres: durante as procissões quando as pessoas elevam as mãos aos céus ou em direção à berlinda da santa e fazem seus pedidos e preces ou durante momentos de visitas à igreja ou à Praça Santuário, onde a imagem “peregrina” é mantida durante quinze dias para contato com os fiéis. Outra forma é anotar os pedidos em um papel e colocar na igreja. Neste caso, o lugar ideal para os devotos é colocar os pedidos no nicho onde fica a imagem considerada verdadeira, no interior da Basílica de Nazaré.

Os devotos que pagam promessas durante a festa do Círio de Nazaré são conhecidos como promesseiros e o pagamento da graça alcançada pode ser realizada nas seguintes formas: a) segurando a corda disposta em torno da berlinda; b) acompanhando a procissão durante todo o trajeto, a qual pode ser de pés ou de joelho; ou c) apenas fazendo preces durante o período na igreja ou na Praça Santuário.

As promessas realizadas por ocasião do Círio de Nazaré expressam uma complexidade de ações e, por conseguinte, um conjunto de significados que qualquer tipologia fica muito aquém da riqueza de detalhes das experiências. Sem querer esgotar o assunto apresento um conjunto de modos de expressão da fé e da crença no milagre. Durante a o cortejo da procissão do Círio no domingo, uma multidão de devotos manifesta o pedido ou a gratidão à santa, através de algum objeto que traz consigo.



Estes exprime, sobretudo, problemas e dificuldades da vida na terra. Senão vejamos: i) a falta de moradia ou a realização do sonho da casa própria é demonstrada durante o cortejo portando-se um tijolo ou uma maquete de casa, normalmente carregada na cabeça; ii) a conquista de algum bem que viabiliza a vida financeira, tais como táxi, comércio, emprego, formatura, emprego etc. também é exteriorizado com algum objeto; e iii) problemas ou resoluções de doenças são expressos através de objetos feitos de cera que reproduzem a parte do corpo doente ou curada.

Neste último tipo situa-se o aspecto mais interessante do simbolismo das promessas por ocasião do Círio. Há uma indústria de materiais de cera em Belém destinada à produção de velas de todo o tamanho, assim como de partes do corpo humano. Assim, se o problema é cardíaco, simboliza-se com um coração de cera, se o problema é na perna, o sujeito carrega uma perna de cera durante a procissão e assim por diante. Tem-se, portanto, todas as partes do corpo humano – interior ou exterior – que podem denotar uma relação de significado entre a parte do corpo afetada e sua expressão icônica. Um aspecto a mais a notar: pernas, braços, fígado, coração, mão ou qualquer outra parte do corpo só adquirem sentido em um campo religioso que permite uma relação de reciprocidade e lealdade entre divindade e devotos. Portanto, os significados adquirem sentido em contexto.

Portanto, o Círio de Nazaré, enquanto fenômeno social total, é um evento de natureza religiosa que congrega uma multiplicidade de ritos e representações que perpassam diferentes domínios, os quais, por sua vez, não se limitam ao plano do sagrado. O Círio é festa no sentido mais amplo da palavra e que, contemporaneamente, entrosam religiosidade com aspectos da vida prática cotidiana, articula diferentes perspectivas culturais e simbólicas e mecanismos de identidades.

Referências Bibliográficas

ALVES, Isidoro. *O carnaval devoto*. Petrópolis: Vozes, 1980.



ALVES, Isidoro. *Promessa é dívida: valor, tempo e intercâmbio ritual em sistemas tradicionais*. Tese de Doutorado, Museu Nacional. 1993.

AUSTIN, John. *How to do things with words*. Cambridge: Harvard University of Press, 1997.

BAKHTIN, Mikail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 3ª edição, São Paulo: HUCITEC; Brasília: Ed. UnB.

BRANDÃO, Carlos R. *Os deuses do povo: um estudo sobre religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CAILLOIS, Roger. *O homem e o sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1988.

DAMATTA, Roberto. *Ensaio de antropologia estrutural*. Petrópolis: Vozes, 1973.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. 5ª edição, Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1990.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERNANDES, Rubem César. *Os cavaleiros do Bom Jesus – uma introdução às religiões populares*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LEACH, Edmund. Ritualization in man in relation to conceptual and social development. In Lessa, W. & Vogt, E. (eds.) *Reader in comparative religion: an anthropological approach*. New York: Harper & How, 333-337.

MAUÉS, Raymundo H. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico*. Belém: Cejup, 1995.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. Vol. 1, São Paulo: Edusp, 1974.

PEIRANO, Mariza. A análise antropológica de rituais. *Série Antropologia 270*, Universidade de Brasília, 2000.

PENTEADO, Pedro. *Peregrinos da memória: o santuário de Nossa Senhora de Nazaré*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 1998.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

17

SILVA, Marilene C. *O paiz do Amazonas*. Manaus: Editora Valer, 2004.

SOUZA, Márcio. *Breve história da Amazônia*. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

TAMBIAH, Stanley. *Culture, thought and social action*. Cambridge: Harvard University Press, 1985.